

GUASÚ E USÚ NA DIACRONIA DAS LINGUAS E DIALEOTOS TUPI-GUARANIS

FREDERICO G. EDELWEISS

XVIII

“GUASÚ” E “USÚ” NO GUARANI ATUAL

Quem comparar o guarani moderno com o estado da língua ao tempo de Montoya e com os diferentes esgalhamentos tupis do Quinhentos e Seiscentos, não pode deixar de notar a progressiva desenvoltura na parte que nêle diz respeito ao emprêgo de *guasú/usú* na formação de aumentativos e superlativos.

Nas gramáticas antigas a sua construção correta segundo o uso mais autorizado mereceu parágrafo destacado, pois estreito critério estrutural disciplinava a sua aplicação.

Nos dialetos tupi-guaranis modernos mais estudados a sua observância continua freqüente, ainda que a consciência lingüística se venha embotando gradativamente e os mestres já não se preocupem com as primitivas molas reguladoras. As gramáticas do guarani moderno praticamente ignoram o importante papel de *guasú/usú* nas velhas formas aumentativas e superlativas, embora permaneça o seu uso e continuem figurando nos vocabulários com relativa profusão. Em geral os mestres só mencionam no particular o adjetivo/advérbio *eté* com as suas variações: *ité*, *te*, *eteré* e silenciam formas outras, como se receassem divergir entre si. Entretanto, *eté* não é o adjetivo mais indicado para caracterizar os aumentativos concretos onde pre-

domina o sentido de *grande, volumoso*. — A falta das gramáticas salta aos olhos, quando verificamos, que, a despeito de tais compostos em *eté* etc. menos usados não encontrarem guarida franca nos vocabulários, a maioria dêstes consigna, por outro lado, acima de meia centena entre aumentativos e superlativos em *gūasú/usú*. Será porque êstes são considerados palavras compostas ao invés dos em *eté*?

Quanto à freqüência das duas formas, podemos informar, que, à base dos têrmos respigados nos diversos dicionários, a de *gūasú* predomina aproximadamente na proporção de 2 a 3 para 1 em *usú* (1), o que se explica pela predominância dos vocábulos oxitonas terminados em vogal.

Gūasú

Em vista do estado atual da língua, na qual a grande maioria das velhas palavras paroxitonas e das oxitonas acabadas em consonte termina hoje em vogal tônica por efeito da progressiva apócope, as discordâncias da regra clássica, que após oxitonas prescreve *gūasú*, são relativamente raras.

Para melhor compreensão do desenvolvimento histórico do guarani na parte dos aumentativos e superlativos em *gūasú/usú*, convém começarmos por distinguir os formados com velhos têrmos normais oxitonas terminados em vogal, daqueles outros que se lhes equipararam por efeito de apócope evolutiva ainda verificável.

I.

Na maioria dos primeiros não houve alteração no correr dos tempos históricos. Repigamos dêles alguns exemplos mais corriqueiros para ilustração.

Guarani antigo e moderno

Areté-gūasú
djarará-gūasú (2)
kaá-gūasú
karú-gūasú

Português

— Festa solene;
— jararacuçu;
— mata virgem;
— banquete;

(1) As ocorrências dos têrmos em *gūasú* e *usú* respigados por alto exprimem-se pelos seguintes números mínimos:

Autores	«Gūasú»	«Usú» e variações
Bottignoli	17	6
Guasch	39	13
Mayans	37	13
Peralta/Osuna	120	54

(2) Já Montoya e Restivo registraram o positivo *yarára* (-*djarará*), enquanto no tupi temos *lararaká*, de onde *lararak-usú*.

kûã-gûasú	— dedo grande, polegar;
mbaé-gûasú	— prodígio;
nhandú-gûasú (3)	— ema, aranha caranguejeira;
po-gûasú	— grosso, encorpado (fio, pano);
ti-gûasú	— narigão;
etc., etc.	

II.

Alguns positivos oxitonus mais recentes por apócope, tendência que já se nota no guarani colonial, provocaram certa discordância entre os aumentativos e superlativos antigos e modernos, como ressalta da relação ilustrativa seguinte:

<i>Guarani moderno</i>	— <i>Guarani antigo</i>	— <i>Português</i>
Apyká	— apyká.b.	— assento;
apyká-gûasú	— apykab-usú	— banco;
hu	— hu.n.	— é preto,
hu gûasú	— hund-ai (4)	— é muito preto;
kangûé	— kangûé.r.	— osso destacado,
kangûé-gûasú	— kanguer-usú	— osso avulso grande;
karai	— karaí.b.	— senhor, dono,
karaí-gûasú	— karaib-usú	— mandão;
mburubixá	— mburubixá.b.	— chefe,
mburubixá-gûasú	— mburubixab-eté	— maioral;
terakûã	— terakûã(na)	— farma,
terakûã-gûasú	— terakûand-usú	— grande fama;
tetã	— tetã.m.	— país, povoação,
tetã-gûasú	— tetamb-usú	— povoação grande, capital;
verá	— berá.b.	— resplandente,
verá-gûasú	— berab-usú	— muito resplandente.
etc. etc.		

III.

Em certos outros casos *gûasú*, fundado no moderno positivo, ainda não conseguiu suplantar a forma *usú* historicamente abonada, dando lugar a superlativos e aumentativos duplos, como:

(3) No guarani antigo tanto o avestruz (ema) como a aranha chamavam-se *nhandú*. No guarani moderno também se encontra *nhandú-gûasú* para ema.

(4) O verbete é tirado de Guasch, p. 74. Nêle se nota a sensível evolução semântica de *gûasú* às custas do expressivo *ai* (-alba em tupi) — ruim, estragado, muito, termo em que o sentido aumentativo se funde com certo ressalvo pejorativo.

<i>Guarani moderno</i>	<i>— Guarani antigo</i>	<i>— Português</i>
kúá, kúara	— kúá.r.	— buraco, cova,
kuá-gúasú, kúá-rusú (5)	— kúar-usú	— furna;
ky	— ky.r.	— chuva,
ky-gúasú, ky-rusú (5a)	— kyr-usú	— chuva torrencial;
kygúá	— kygúá (6)	— pente;
kygúá-gúasú, kyguá-vusú	— kygúá-gúasú	— pente de tecelão;
mboká	— mboká.b.	— arma de fogo,
mboká-gúasú, mbokavusú	— mbokab-usú 6a)	— artilharia;
nhee	— nhee(ng)	— palavra, fala,
nhee-gúasú, nheeng-usú	— nheeng-usú (6b)	— arrogante;

IV.

Há mesmo alguns aumentativos e superlativos duplos no guarani moderno em que uma das formas é visivelmente irregular e só se explica por influências analógicas.

Citemos dêles:

<i>Guarani moderno</i>	<i>Guarani antigo</i>	<i>— Português</i>
Py	— py	— vâo, largura, largo,
py-gúasú, py-rusú (6c)	— py-gúasú	— vâo grande, muito largo;
tatú	— tatú	— tatu,
tatú-gúesú,	— tatú-gúasú	— tatu-açu, tatu canastra.
tatú-vusú (6c)		

V.

Dêstes compostos existem uns poucos em que as formas várias foram utilizadas para marcar diversificações de sentido, como em:

Aká-gúasú	— cabeçorra,
aká-rusú	— cabeça um tanto grande,
akang-usú (7)	— cabeça dura, teimoso;

(5) Ambas as formas positivas se encontram em Mayans e Peralta/Osuná; os dois aumentativos figuram no livro dêstes últimos, verbete agujero.

(5a) Kyr-usú, mokab-usú e nheeng-usú são as formas legítimas do tupi e guarani antigos. Quanto ao último, compare: Mayans, verbetes fice, rusú e Guasch, verbete vox.

(6) Já o termo guarani se havia apocopado; no tupi ainda temos kygúaba, o ascendente de kyglav-usú no guarani moderno.

(6a) Compare em Peralta/Osuná os verbetes artilheria e artillero.

(6b) Ambas as formas em Peralta/Osuná.

(6c) Idem, Ibidem.

(7) Tanto no tupi quanto no guarani só se encontra a forma legítima de akang-usú para cabeçorra. No guarani moderno três formas diferentes do adjetivo componente estão a serviço da evolução semântica.

kygûá	— pente,
kygûá-gûasú	— pente de tecelão,
kygûá-vusú (8)	— pente grande de adôrno;
nhee-gûasú	— jactancioso,
nhee-rusú	— fala grossa,
nheeng-usú (9)	— arrogante.

Terminemos esta parte relativa a *gûasú* apondo as indispensáveis restrições à afirmativa de *Peralta/Osuna* (10) de *gûasú* usar-se exclusivamente com substantivos. Evidentemente, tal afirmativa não torna na devida consideração a bicategoricidade dos substantivos (11), dos adjetivos (12) e dos verbos intransitivos (13). Aliás, os próprios verbetes do seu dicionário desmentem tal afirmativa.

"USÚ" E SUAS VARIAÇÕES

Se no guarani moderno analisarmos o desenvolvimento da forma *usú*, notaremos logo que são muito raras as palavras paroxítanas, as oxítonas terminadas em consoante ou para as quais Montoya indica a consoante final arcaica de ligação, conjunto que no guarani antigo limitava o âmbito de *usú* e, a rigor, ainda excluía qualquer variação que não fôsse condicionada pelas leis eufônicas guaranis (14).

I.

Citemos alguns nomes positivos graves de aumentativo tradicional:

<i>Guarani moderno</i>	—	<i>Guarani antigo</i>	—	<i>Português</i>
Ang(a)	—	ang(a)	—	sombra, espírito,
ang-usú	—	ang-usú	—	fantasma;
eira	—	eí.r.	—	mel,
eir-usú	—	eir-usú (15)	—	abelha uruçu;

(8) Veja a nota 6. Enquanto no tupi o aumentativo de *kygûaba* só pode ser *kygûab-usú*, no guarani antigo, onde o positivo já se havia apocopado em *kygûá*, a praxe impunha *gûasú*.

(9) Ainda não parece muito fixo o sentido divergente entre *nhee-gûasú* e *nheeng-usú*. Como vemos, usam-se três formas do adjetivo com a palavra *nhee(ng)* no guarani moderno.

(10) *Diccionario*, p. 300, verbete grande.

(11) Veja o nosso estudo no cap. V. de *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi*.

(12) *Idem*; *Ibidem*.

(13) *Idem*; cap. V, § VIII, pp. 79-80.

(14) Veja o capítulo dedicado ao guarani antigo e *Restivo — Arte*, pp. 19-20.

(15) Embora o termo figure no *Vlb*, nem Montoya, nem *Restivo* o registam.

oká(ra)	— oká(ra)	— pátio, largo,
okar-usú	— okar-usú	— praça;
tay(ra)	— tay.r.	— filho (de homeim),
tayr-usú	— tayr-usú	— filho crescido (de h.).

II.

Para alguns positivos graves o aumentativo já oscila entre *gûasú* e *usú* e entre êles vemos com surpresa dois dos mais comuns: *tava* e *oga*.

<i>Guarani moderno</i>	<i>Guarani antigo</i>	<i>Português</i>
<i>Kuá(ra)</i>	— <i>kúá.r.</i>	— buraco, cova,
<i>kúar-usú</i> , <i>kúá-gûasú</i>	— <i>kúar-usú</i>	— gruta;
<i>og(a)</i>	— <i>og</i>	— casa,
<i>og-usú</i> , <i>oga-gûasú</i>	— <i>og-usú</i>	— casarão;
<i>tava</i>	— <i>ta.b.</i>	— aldeia,
<i>tava-úsú</i> , <i>tava-gûasú</i>	— <i>tab-usú</i>	— aldeia grande, cidade.

Os últimos dois exemplos dão a medida do descaso do guarani atual, em alguns compostos, pelas tão respeitáveis regras da eufonia e do emprêgo de *gûasú/usú*.

III.

Daqueles positivos, hoje terminados em vogal acentuada, que para formação do aumentativo ainda recorrem à desinência consonantal antiga e à legítima forma *usú*, destaquemos também alguns exemplos ilustrativos.

<i>Guarani moderno</i>	<i>Guarani antigo</i>	<i>Português</i>
<i>Anã</i>	— <i>anã.m.</i>	— grosso, espesso,
<i>anambusú</i>	— <i>anambusú</i>	— muito espesso;
<i>kü</i>	— <i>kang</i>	— osso,
<i>kangusú</i>	— <i>kang-usú</i>	— osso grande, ossudo;
<i>yvyty</i>	— <i>ybyty</i> (16)	— montanha,
<i>yvytyrusú</i>	— <i>ybytyr-usú</i>	— monte alto, serra.

IV.

Há no guarani moderno alentada lista de positivos terminados em vogal acentuada, cujas formas antigas conservavam geralmente a consoante da sílaba final arcaica, que o tupi antigo ainda ostenta.

(16) Em tupi temos *ybytyra*, que mostra a procedência de *ybytyr-usú*, já separamo erradamente no vocabulário de Restivo em *ybyty-rusú*. É que desde Montoya o positivo era *ybyty*, o que serve de atenuante.

O comportamento de tais palavras ao formarem o aumentativo ou superlativo, já foi consignado em suas linhas gerais nos parágrafos II., III. e V. na parte dedicada a *gūasú* neste capítulo.

V.

Usú e variações aparecem também no guarani moderno por analogia, com positivos oxitonus terminados em vogal desde o guarani antigo.

<i>Guarani moderno</i>	— <i>Guarani antigo</i>	— <i>Português</i>
Ahyó	— djaseó	— garganta,
ahyó-rusú	— djaseó-gūasú	— voz grossa;
nambi	— nambí	— orelha,
nambi-usú	— nambí-gūasú	— orelhudo.

VI.

Mesmo dentro da sua própria área, *usú* toma formas etimologicamente irregulares.

<i>Guarani moderno</i>	— <i>Guarani antigo</i>	— <i>Português</i>
Mitá	— mitang	— criança,
mitá-rusú	— mitang-usú	— rapaz, mocinha;
taguê	— taguê.r.	— pêlo,
taguê-usú	— taguer-usú	— peludo;
tyäi	— tyäi	— gancho,
tyäi-rusú	— tyäi-djusú	— âncora;
yvypé	— ybypé.b.	— terra plana,
yvypé-rusú	— ybypeb-usú	— planície.

O positivo composto pode no correr do tempo levar a conclusões errôneas na formação de alguns superlativos, como por exemplo em *yvvtungusú*, que se decompõe do modo seguinte:

yvy	— terra,
tu (16a)	— preto, escuro,
ng	— consoante de ligação em lugar das arcaicas legítimas <i>nd</i> ,
usú	— muito,

(16a) No guarani *tu.n.*

ou seja: *terra muito sombria, = cerração*. A forma etimologicamente correta é *yvytundusú* (17).

Como vemos, sem conhecimentos da gramática histórica, também no guarani moderno é impossível darmo-nos conta da profunda transformação sofrida num dos capítulos mais transparentes das suas velhas diretrizes. E, infelizmente, como já dissemos, não se encontra nos mestres do guarani moderno a mais leve indicação de ao menos haverem sido suspeitados o alcance original de *għasú/usú*, a nitidez e a estreiteza dos limites, que a praxe traçara antigamente ao seu emprêgo.

Repetimos, não há a mínima referência nas gramáticas modernas aos aumentativos e superlativos em *għasú*, não obstante as suas numerosas ocorrências nos vocabulários. Os seus autores simplesmente ignoram um capítulo que, sem estudos do desenvolvimento histórico, permanece enigmático.

Quanto às formas em *usú* e suas variações a verificação ainda é mais decepcionante. *Bottingnoli* (18) e *Guach* (19) não as mencionam em suas gramáticas e nos vocabulários registram tão só *rusú* no verbete *juven*.

O mesmo silêncio guardam *Peralta/Osuna* (20), *Saguier* (21) e *Mayans* (22) em suas noções gramaticais. Entretanto, *Peralta/Osuna* e *Mayans* complicam os seus ensinamentos gramaticais nos verbetes *usú* e *rusú* dos seus vocabulários. Os primeiros classificam "*usú — grande de sufixo (!)* para formar adjetivos" (!) e, estranhamente, dão como exemplo *mitā-rusú — adolescente*, que, de acordo com os dizeres no verbete *usú*, tomaria função adjetival!

Mayans não registra *usú*, mas, como para compensar a falha, confere a *rusú* dois sentidos, ainda que restritos. Diz ele:

"Rusú — grande só se usa em mitā rusú — rapaz grande; toma o sentido de grosso em nhēe rusú — voz grossa".

Os exemplos assim respigados nos mesmos mestres do guarani moderno e os nossos comentários apostos aos diversos parágrafos dão a direção e a

(17) Temos aqui mais uma desnorteante forma analógica. O guarani antigo tem dois termos para cerração: *ybyti* — (no tupi *ybytinga*) — neblina, névoa (literalmente terra branca-centa) e *ybyting-usú* — nevoeiro (denso). No guarani moderno, em lugar de *yvyting-usú*, que fôra de esperar, temos, porém, *yvytung-usú*. Intrômeteu-se ali a palavra *tu* — escuro, preto, no lugar de *ti*, permanecendo, entretanto, o digrama *ng*, que se fundamenta para *yvyting-usú* na forma arcaica *tingga*, mas não encontra justificativa etimológica no composto *yvytung-usú*, porque *u*, *tu* (em tupi *una*, *t-r-e-s*) exige normalmente as consoantes de ligação *nd* no guarani, quando seguido de palavra começada por vogal. O guarani moderno, trocando *ti* por *tu*, alterou a etimologia do termo, mas conservou no composto a desinência arcaica de *ti(nga)*. Desta maneira substituiu o antigo vocabulário *ybyting-usú* pela forma analógica *yvytung-usú*, quando etimologicamente cabe *ybytund-usú*. Compare Restivo Vocabulário, verbete *negro*: *hund-af* — *es mui negro*.

(18) Gramática Razonada de la Lengua Guarani.

(19) El Idioma Guarani, etc.

(20) Nociones de Gramática Guarani.

(21) El Idioma Guarani.

(22) Síntesis Gramatical.

medida das modificações indispensáveis para que os seus ensinamentos correspondam aos fatos.

AS Ú

Não poderia faltar no guarani moderno alguma sobrevivência da forma aumentativa em *asú*, que, raríssima embora, se fixara muito cedo. Encontramos nos léxicos mais divulgados os cinco verbetes aqui citados:

<i>Guarani atual</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Português</i>
Agúará-kyia-asú	— agúará-kyynh-usú	— crista-de-galo (bot.) (23);
kupú-asú	— kupú-gúasú	— cupuaçu (24);
tadj-asú	— tai-asú	— taitaçu (25);
ting-asú	— ti-gúasú	— alma-de-gato (26);
yvá-asú	— . . .	— pau-pereira (27).

Como vemos, entram aí diversos termos que os autores foram colhendo em livros brasileiros modernos. São guaranis apenas por uma longinqua hipótese.

XIX

AS FORMAS TENETEHARAS CORRESPONDENTES A "GUASÚ", "USÚ" E "ASÚ"

Uma contribuição deveras valiosa para os estudos lingüísticos tupi-guaranis representa o *Dicionário Tembé-Tenetehar*, de Max H. Boudin (1). Pre-

(23) Peralta/Osuna dão a tradução de erva-moura, que no tupi se designa com a forma positiva agúará-kyynha. A tradução literal é grande pimenta do guará ou cachorro-do-mato.

(24) A forma tupi é a presumível, mas d'Abbeville registra kópui-úasú, que evidentemente se refere a outra fruta. O português do Brasil perfilhou o termo nheengatu kupú-asú.

(25) É a espécie maior do porco-do-mato. A tradução literal é dentuço. Veja a nota 21 no capítulo referente a João Staden.

(26) Há intrincadas confusões em certos nomes dos reinos animal e vegetal. Sirvam de exemplo as designações tupis da galvota e do alma-de-gato. Para este, registrado por Marcgrave com o nome de atingacucamucu, ainda se mantém na Amazônia tingású (= ti-gúasú — bico grande) embora tal atributo não lhe caiba no confronto com tantas outras aves. No caso deve ter havido transferência de nome ou desorteantes alterações mórficas.

Para galvota o Vlb. consigna atingaçú (= a-ting-usú — cabeça grande branca), que corresponde razoavelmente ao gênero *Larus atricilla* e onde a forma asú (por usú) parece estar a serviço da diversificação de sentido, como acontece em tal-asú. Compare a nota 52 do capítulo referente a frel d'Abbeville, que com a presente serve de complemento à nota 2 apostila ao verbete atingaçú, de Gabriel Soares de Sousa.

(27) Registrado por Peralta/Osuna e colhido em algum registro do Brasil, por eles ou terceiros. É nome nheengatu, onde designa o acari-rana, a quina-rana e o pau-pereira, sinônimos hoje correntes no Amazonas.

(1) São Paulo; 1966. Gráfica Canton Ltda. Publicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Presidente Prudente; São Paulo.

enche uma lacuna tanto mais sensível, quanto, debaixo dos aspectos específicos do seu léxico, os teneteharas, localizados dentro da extensa área tupi, constituem claramente um *quisto guarani*.

Pertencem provavelmente aos descendentes de uma das ondas migratórias vindas do sul, que, por estarem ocupados o litoral e larga faixa meridional amazônica, esbarraram finalmente na região centro-oeste do Estado do Maranhão (2). Durante o último século algumas levas sediaram-se mais a oeste, nas margens dos rios Gurupi, Guama e Capim. — Todas estas facções se dão a si mesmas o nome de *tenetehara*, segundo Ch. Wagley e Ed. Galvão; entretanto, as que ocupam as bacias do Mearim, Grajaú e Pindaré desde os tempos de Bettendorff têm sido chamadas de *guajajaras*, em oposição aos que habitam nas regiões dos rios Gurupi, Guama e Capim, conhecidos por *Tembés* (3). O vocabulário de Max H. Boudin foi colhido no alto e médio Gurupi, daí a denominação de *tembé-tenetehar* (4), que lhe confere como subtítulo.

Não atinamos com o motivo que levou Boudin a preterir êste nome específico de *tenetehara* a favor da esdrúxula denominação de *tupi moderno*, que inconsideradamente impinge ao seu *Dicionário*, desfigurando-o com um frontispício falso e desnorteante.

É com grande pesar que nos vemos obrigado a fazer tão grave reparo inicial, que implica atraso de quase um século, no que diz respeito à classificação lingüística e terminologia dialetológica geralmente seguida. Boudin ignora mesmo o que realmente se deve entender por *tupi*, e, apelidando o tenetehara de *tupi moderno* ainda navega com as suas denominações na turva esteira classificatória inicial de Martius e seguidores.

O *tenetehara* é um dialeto tupi-guarani, mas não é um dialeto tupi. Ostenta nitidas características do léxico guarani, na apócope generalizada e na fricativa velar representada na grafia de Boudin por *h*, à qual já nos referimos em nosso *Tupis e Guaranis* (5).

(2) Não se trata aí de caso isolado nas migrações tupi-guaranis. Frei d'Abbeville (ff.259 v.-261) colheu dos tupinambás do Maranhão, que a sua tribo ocupava, ainda em tempos históricos, um país por eles chamado *Cayeté* (caá-étê), situado à altura do Rio de Janeiro e São Vicente. O depoimento é corroborado por alguns fatos lingüísticos.

A mesma procedência se atribui aos tapirapés localizados no Araguaia desde o século dezolto, segundo depreendemos da Memória de L. A. da Silva e Souza sobre o Estado de Golás; Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro; vol. 12, p. 429.

Os índios conhecidos pela alcunha de canoeiros, que na primeira metade do século dezolto se fixaram nas margens dos rios Tocantins e Araguaia, emigraram de alguma região dos atuais estados de São Paulo e Paraná. Dos parintintins não será afoiteza sugerir procedência idêntica, consideradas as peculiaridades léxicas e fonéticas da sua língua.

(3) Wagley, Ch. e Galvão, Eduardo; — Os Índios Tenetehara; Ministério de Educação e Cultura; Rio, 1961; p. 22. A edição em inglês, da Universidade de Columbia, New York, é de 1949.

(4) A forma tupi, que passou para o português do Brasil, é *tenetehara*, usada por Wagley e Galvão.

(5) Publicações do Museu da Bahia — N.º 7; Bahia, 1947, V e 220 pp.

É, portanto, ao guarani que se filia o tenetehara, sem por isto se confundir com o guarani antigo ou moderno. O que aí afirmamos, Boudin mesmo o reforça através dos confrontos vocabulares e da sua míngua bibliografia, onde, ao lado de cinco tratados guaranis não figura um único que seja propriamente tupi. O seu mentor é Batista Caetano com o seu desenvolvido vocabulário do guarani antigo, as suas idéias unitárias e o seu profundo desprezo aos velhos mestres tupinistas, que nunca estudara. Por outro lado, o tupi de Martius é apenas o *brasileiro* e o *nheengatu*, enquanto a fonética tupi de Lucien Adam é, por sua vez, irremediavelmente prejudicada pelas idéias errôneas hauridas de Batista Caetano.

Boudin desconhece ou ignora propositadamente o único léxico realmente tupi, o *Vocabulário na Língua Brasílica*, dos jesuítas. Nenhuma referência do seu dicionário tenetehara permite concluir que se tenha familiarizado de algum modo com o verdadeiro tupi antigo e nenhum dos têrmos trazidos à colação é tirado de compêndios tupis!

Não haveria nisto maior inconveniente para confrontos vocabulares circunscritos ao ramo guarani, de onde se esgalhou o tenetehara, se Boudin não confundisse o guarani com o tupi. É profundamente lastimável que no seu trabalho altamente meritório Boudin, talvez sem o querer, mas evidentemente por insuficiente preparo, mistifique os seus consulentes, quando, para justificar as delongas sofridas por sua publicação, afirma:

“... a parte tupi (leia-se *tenetehara*) ficou esperando melhor oportunidade para poder ilustrar e comparar *a posteriori* o capital lexicológico também com o tupi antigo (leia-se *guarani antigo*) e, esporadicamente, com o *guarani (atual) do Paraguai* (6).”

Parece incrível que ainda em nossos dias se publiquem trechos tão desnorteantes como o que acabamos de transcrever. Mas, vejamos ainda estoutro, onde Boudin promove Montoya, Restivo e Batista Caetano, mestres do guarani antigo, a clássicos tupis (!!):

“Este dicionário tende a uma dimensão histórica, citando as etimologias de autores setecentistas ou clássicos como Montoya, Batista Caetano, Restivo e outros, deixando assim à mostra a possível evolução ou involução dos dialetos do ramo tupinico” (7).

São improvisações semelhantes onde, a despeito de toda uma série de publicações conscientes, ainda se confunde o guarani com o tupi, que vêm desmoralizando os estudos tupis nas próprias Universidades e têm levado o desalento a um dos setores mais fascinantes e inexplorados dos Estudos Brasilianos.

(6) Dicionário; trecho da Introdução. As palavras entre parênteses são nossas.

(7) Idem; *Ibidem*; quanto às formas antigas ou etimologias, geralmente se limita a transcrever o guaranista Batista Caetano.

Depois desta tomadas de posição indispensável passemos à finalidade precipua destas linhas, o estudo comparativo dos aumentativos e superlativos teneteharas respiados no *Dicionário de Boudin* com os correspondentes tupis.

As formas que o adjetivo/advérbio tupi e guarani *guásu/usú* assume no tenetehara são: *uhú* (8), *uhu*, *hu*, *ahú* e *uatrzú*. Por vêzes há formas duplas.

Consideraremos separadamente os compostos formados por cada qual delas, relegando para as notas de pé-de-página as observações que julgarmos propícias à boa penetração dos problemas lingüísticos atinentes.

Eis, preliminarmente, as alternâncias fonéticas nêles mais constantes do léxico tupi (!) para o tenetehara:

b > *u*

s > *h* (= fricativa velar *j* do espanhol)

a > *ã* (8a)

i, nh > *z*.

AUMENTATIVOS E SUPERLATIVOS EM "UHÚ"

A

Em primeiro lugar, *uhú* emprega-se com certo número de positivos terminados em consoante. Temos aí a nítida manutenção da velha regra tupi e guarani. Eis, a seguir, alguns exemplos:

Tenetehara	— Tupi	Tradução (9)
		— Portuguesa
Akang-uhú	— akang-usú	— cabeça grande, cabegudo (10);
aman-pytun-uhú	— Ybak-un-aiba	— nuvens muito escuras (11);

(8) Para não desfigurar demasiadamente os vocábulos teneteharas, mantivemos a grafia de Boudin para os fonemas *h* e *z*, que não existem no tupi; substituímos, porém, as letras *w*, *y* e *i* respectivamente por *u*, *í* e *y*, de acordo com a nossa grafia. Também acentuamos as palavras segundo o nosso costume nas publicações tupis.

(8a) Pode-se estranhar com razão, que Boudin confira ao *u* o valor de *ü* alemão.

(9) A tradução geralmente literal carece, para boa interpretação, das notas de pé-de-página.

(10) Esta palavra, que Boudin traduz por ser *cabegudo*, é no tupi, de acordo com a regra geral, tanto substantivo (*cabegorra*), como adjetivo (*cabegudo*).

(11) B. traduz *aman* por *chuva*, sentido que tem amana no tupi. No guarani amá-n, corresponde a *nuvem de chuva*, como ainda amana no tupi e o composto tenetehara *aman pytun-uhú*, que literalmente se traduz por *nuvens muito escuras*, comprova a permanência dessa acepção também no tenetehara, pois o *muito escuro* só pode referir-se às nuvens. Mas, como B. dá ao composto o sentido de *tempête*, parece que ali houve nova translação de sentido, a do aspecto para o efeito. Em tupi o complexo *nuvens muito escuras* se traduz por *céu muito escuro* — *ybak-un-aiba* e por *amá-pytun-aiba*, propriamente *nuvens escuras*. — O adjetivo tenetehara *uhú*, restritamente grande e grosso, já revela neste caso influência do português, provavelmente através do dialeto brasiliano.

aman-uhú	— aman-aiba	— chuva grossa (12);
anam-uhú	— nam-usú	— grosso, grosseiro (12a);
apyr-uhú	— atíi	— ter abscesso (13);
arar-uhú	— ararakanga	— araracanga, arara vermelha (14);
hu(û)-uhú	— sob-usú (r-)	— folha grande;
kang-uhú	— kang-usú	— osso(s) grande(s) (15);
kyr-uhú	— kyr-usú	— viçoso (em formação) (16);
mo akyr-uhú	— moakyr-usú	— fazer brotar com vigor;
mo-z-uhú	— mboi-usú	— sucuriúba (17);
paper-pinim-uhú	— i kúatiarépyra	— livro (18);
piráz-uhú	— piranh-usú	— piranha grande (19);
petym-uhú	— petymbuaba	— charuto, cachimbo (20);
tapir'ir-uhú	— tapiir-usú	— boi, vaca (21);

(12) Veja a nota 11, principalmente o final.

(12a) No tupi só se usa para coisas pouco espessas, como pano, folha, tábua, etc.

(13) A palavra tupy apyra significa cumo, erguido. O tenetehara confere-lhe na forma aumentativa também o sentido de inchação, abscesso. O tupi usa no caso os termos atíi e susuá.

(14) Por araracanga, ararapiranga ou arara vermelha designam-se geralmente duas espécies de araras em cuja plumagem predomina a cor vermelha, a *A. Coccinellae* (macau) e a *A. Chloroptera*.

(15) B. Insinua ser kang-uhú sinônimo de alkang-uhú no tenetehara. Em tupi kang-usú é osso(s) grande(s), enquanto cabecorra, cabecudo se traduz por alkang-usú. Em certos nomes a forma com a inicial é própria de coisas arredondadas: akanga (=a + kanga) — osso arredondado — crâneo, cabeça; akyra (=a + kyra) — verde, imaturo emprega-se geralmente para frutas e brotos arredondados.

(16) Kyra e akyra são adjetivos no tupi, cabendo o segundo a coisas arredondadas. Traduzem-se por verde, imaturo, em formação, em desenvolvimento. O superlativo desta última acepção corresponde bem a em pleno desenvolvimento.

(17) Em alguns compostos a palavra tenetehara mol — cobra se transforma em moz; como também em outros casos; o z é ali o substituto ocasional da semi-vogal i, não havendo motivo para separá-lo do radical por hifen.

(18) A tradução literal do neologismo tenetehara é: grande papel salpicado, ou mais exatamente papelada salpicada. Os tupis designaram tanto o papel como quaisquer escritos e mesmo os livros pelo neologismo muito exato de i kúatiarépyra (participio passivo do verbo riscar, pintar > escrever — kúatiara) — o(s) escrito(s). O guarani, menos exatamente, usou o verbo kúatiá-r, como nome no mesmo sentido e tupú-kúatiá no de bíblia, missal e brevíario. — Os lusismos para tais objetos só se multiplicaram na língua-geral.

(19) O vocábulo tupi piranha aparece no tenetehara na forma de pirá. No aumentativo piráz-uhú, segundo acontece com palavras terminadas em i, esta semi-vogal se transforma em z. — B. transcreve ai afoltamente a etimologia, que Batista Caetano atribui a piranha. Mas, a palavra não significa corta-pele, como sugere, e sim peixe-dente (pirá + aranha), tal como mosca muito temida é apelidada mberú-anha ou mberú-ânia — mosca-dente. Dente aparece no tupi nas duas formas ânia e anha (t-r-s-).

(20) Petym-uhú é literalmente fumo grande > charuto grande. O Vlb. evita registrar práticas pagás; traz, entretanto, o nome do charuto — pety-mamanëbyra, no verbete fumaça que se bebe. A tradução literal do termo é tabaco enrolado. Gabriel Soares traz a descrição do charuto indígena no cap. 61 da II. parte.

O cachimbo tubular referido por Evreux (p. 137) e Léry (vol. II, p. 71), provavelmente reservado aos pajés, destinava-se, não a beber fumo, mas a soprar fumo sobre os assistentes e era designado por petymbuaba — instrumento de soprar fumo. — É o que corresponde por seu tamanho ao charuto grande dos teneteharas. Perdeu-se neste dialeto o vocábulo descriptivo para charuto e também o instrumento de soprar fumo, privativo dos pajés.

taú-uhú	— tab-usú	— aldeia grande, cidade;
tazuk-uhú	— tajyk usú (r,-s-)	— veia grossa, artéria (22);
tupehyz-uhú	— opesyi-alba (r,-s-)	— muito sonolento (23);
tung-uhú	— tung-usú	— pulga (24);
yar-uhú	— ygar-usú	— canoa grande, batelão, navio (25);
y-pupyr-uhú	— yapó-peb-usú (r-)	— rio muito largo (26);
y0á-ting-uhú	— yby-ting-usú	— grande nevoeiro (27);
y0tyr-uhú	— ybytyr-usú	— serra grande, monte alto;
zaúar-uhú	— iagúar-usú	— onça pintada (28).

B

Em franca discordância com as regras tupi-guaranis antigas *uhú* substituiu no tenetehara a forma *gúasú* em grande número de aumentativos e superlativos cujo positivo termina em vogal tônica. Examinemos êsse desenvolvimento numa série de exemplos oferecidos pelo dicionário de Boudin.

Tenetehara	— <i>Tupi</i>	— <i>Tradução Portuguesa</i>
Aúá-uhú	— abá-gúasú	— Homem adulto, homem-zarrão (29);

(21) Os tupis aplicaram o nome de *tapiir-usú* ao gado vacum, diferenciando-o do *tapir* verdadeiro, do *tapíra* ou *tapír-éte*, através da forma aumentativa. (22) Note-se no tenetehara os fonemas *zu* por *iy* do tupi. A mudança de *u* em *u* é frequente nos dialetos tupi-guaranis; a de *t* e *j* em *z* é peculiar ao tenetehara. Veja também a nota 17. — No tupi ainda não distinguiam lexicamente as veias dos nervos: *alyka* (t,-r,-s-) — nervo, veia. No tenetehara se faz hoje a distinção por meio da apofonia *y* > *u*: *Taxyk* — nervo; *tazuk* — veia.

(23) *Opesyia* (t,-r,-s-), — sonolência, sonolento em tupi, significa ao pé da letra pálpebras trementes, — pessadas, que indicam a sonolência. O superlativo em *uhú* — grande e grosso testemunha influência brasiliana de origem lusa. O *t* inicial, índice arcaico de classe superior, figurando na forma adjetival tenetehara, é a prova da perda do seu caráter específico, um desenvolvimento que já teve inicio no guarani antigo. Note-se a alternância *i* > *u*, que parece de regra, quando segue *uhú*.

(24) Designando o positivo *tunga* o bicho-do-pé, conclui-se que a sua presença entre os tupis é pelo menos tão antiga quanto a da pulga, que lhe ampliou o nome.

(25) Diversas palavras antes compostas com *y* — água intercalam um *g* depois do *y*, como em *yvara* — canoa. No tenetehara tal epentese não parece ocorrer.

(26) *Pyra* significa Indo em alguns compostos tupis, tal como *py.r.* em *Montoya*. Compreende-se assim que o aumentativo *pyr-usú* registrado por Restivo (verbete ancho), literalmente lados grandes, — dilatados, o traduzam simplesmente por rio largo. Etimologicamente, *popyr-uhú* é, pois, apenas largo e não muito largo.

(27) No tupi a designação das nuvens e do nevoeiro traduzem o aspecto e a altura. *Yby* — terra corresponde à cerração balxa e *ybak* — céu à alta; *tinga* se aplica à mais clara e *una* à escura. Temos, portanto: *yby-tinga* — nevoeiro (*- terra branca*), *ybak-tinga* — nuvens brancas (*- céu branco*) e *ybak-una* — nuvens escuras (*- céu escuro*). No tenetehara esta distinção parece ter-se perdido, já que ali *yba-ting-uhú* — céu muito branco designa os grandes nevoeiros.

(28) Note-se a substituição de *eté* — genuíno por *uhú* — grande e grosso.

(29) *Abá-gúasú* em tupi tanto é homem feito como homem grande. Homem-zarrão, como B. traduz *abá-uhú*, está documentado no guarani por *abá-gúasú*, porém no tupi requer *gúasú-éte* ou *turusú-éte*.

hemé-uhú	— embé-guásu (t,-r,-s,-)	— beijo inferior (30);
i ty uhú	— y-guásu (r,-t,-)	— crescido, alto (água de rio) (31);
ka'i-kuti-uhú	—	— um macaco;
ka'i-uhú	— kai-guásu	— cai grande;
kaúiré-uhú	— kaburé-guásu	— caburé grande;
minä'á-uhú	—	— um caramujo;
pakú-ätä-uhú	—	— pacu-bandeira (32);
pe-uhú	— pe-pytera (ta,-ra,-sa,-)	— estrada (33);
pungä-uhú	— pungá-guásu	— muito inchado;
tamá kitzä-uhú	— kapil-kisé (-guásu)	— capim navalha (34);
tatá-uhú	— atá-guásu (t,-r,-s,-)	— fogueira;
tehá-uhú	— esá-guásu (t,-r,-s,-)	— olhos grandes;
temé-uhú	— embé-guásu (t,-r,-s,-)	— beicola, beicudo (35);
tyié-uhú	— yé-guásu (t,-r,-s,-)	— barrigão, barrigudo (36);
tyram rehá-uhú-küer	— ui esá-koroia	— farinha grossa (37);
ty-uhú	— y-guásu (t,-r,-t,-)	— enchente de rio (38);

(30) Sembé-guásu se traduz no tupi, como hembé-guásu no guarani, por o seu beijo (inferior) grande, ou é beicudo. Hemé-uhú deve ter as mesmas acepções e não significar apenas beicudo, como diz B, a não ser que nos velhos indices de classe o valor pronominal, inerente ao t e ao s (-h no guarani e no tenetehara) tenham perdido essa acepção, que lhes era peculiar no tupi e no guarani.

(31) No tupi e no guarani águas crescidas (de rio) é y-guásu (r,-t,-); portanto, o rio está crescido se traduz por ty-guásu. O sentido pronominal da terceira pessoa é inerente ao t. — Se no tenetehara se diz i ty uhú para traduzir suas águas estão crescidas, o rio está cheio (p. 82), então o t perdeu a velha função possessiva e pronominal, uma decorrência da progressiva decadência dos indices de classe, que já se iniciara no guarani antigo. Em lugar do i, B. traz o fonema correspondente ao nosso y, à p. 269, o que contradiz o seu verbete i — ele(s), ela(s), seu(s), sua(s). Compare a nota 53.

(32) Há diversas espécies de pacus com nomes tupis, mas sem possibilidade de identificação com o pacu-bandeira de B. por falta de dados.

(33) Pé (ta,-ra,-sa,-) é caminho; caminho grande, estrada é pô-pytera em tupi, propriamente caminho do meio ou caminho tronco, do qual se bifurcam as veredas. No guarani preferiram o termo pé-guásu, de que o tenetehara pé-uhú é o desenvolvimento dialetal.

(34) O nome português é uma tradução literal adaptada do tupi. Em lugar do s tupi encontra-se por vezes tz no tenetehara. O vocábulo tamá, que entra no termo tenetehara traduz a invaginação do colmo, que ali se junta ao aceramento das folhas indicado por kisé — instrumento cortante.

(35) Note-se que no tupi tembé-guásu — beicola só pode ser usado no absoluto para entidades superiores: gente e entidades mitológicas. Para animais comuns e nas terceiras pessoas sembé-guásu é de rigor; também significa é beicudo.

(36) Cabe ao termo a mesma observação da nota 35, no que diz respeito aos indices de classe.

(37) Conduto em português é aquilo que habitualmente se come com pão, batata, ou ainda com farinha, pão etc. entre nós no Brasil. O correspondente tupi para esta acepção unilateral é cebae — o desejado. O tupi possui, entretanto, um termo que tanto serve para designar carne, peixe, etc. tendo farinha, pão, tubérculos etc. como estes acompanhamentos quando se tem peixe, etc.; é tyra no presente e tyrama no futuro, que naturalmente cabe com maior freqüência. No guarani antigo tyrama só se empregava para designar o que acompanha carne, peixe, etc., ou seja para farinha, batata, etc. No guarani moderno tyra conserva a mesma limitação. No tenetehara a evolução semântica deu mais um passo, transferindo a forma tyram diretamente à farinha de mandioca, especialmente à farinha d'água, já despida do conceito de conduto.

(38) É a mesma palavra de que tratamos na nota 31, mas em função substantiva.

y-uhú	— Y-guású	— rio grande (39);
zahy uññ-uhú	— fasy-obá-guású	— lua cheia (40);
zukuri-uhú	— sukuriú	— sucuri(úba) (41).

C

A forma *uhú*, intermediária entre *uhú* e *hu*, emprega-se com positivos terminados em vogal. Parece estar a serviço da eufonia, disfarçando, mas tão só em certo número de palavras, o hiato que resultaria do encontro da vogal tônica final com *uhú*. No tupi e no guarani o hiato se evita em tais casos pelo emprêgo taxativo de *guású*.

Respigamos:

Tenetehara	— Tupi	— Tradução Portuguesa
akará-uhú	— akará-guású	— um cascudo (ict.) (42);
ama'y-uhú	— ambayb-éte	— figueira-do-inferno (43);
arapuhá-uhú	—	— um veado (44);
hapé-uhú	— pé-pytera (ta,-ra,-sa-)	— estrada (45);
itá-uhú	— itá-guású	— penedo, penhasco;
y ty-uhú-uhay	— ty-guású-aiba	— repiquete (46);
mo(à)-uhú	— mo-guású	— tornar grande (47);
pe-uhú	— pé-pytera (ta,-ra,-sa-)	— estrada (48);

(39) Repare-se na diferença entre este e o termo anterior. Quando se consideram as alterações no volume das águas do rio, emprega-se *ty*, com *t* móvel, enquanto o rio como entidade geral é *y* sem prefixo. Compare também o verbete da nota 31.

(40) O verbete é uma boa amostra do quanto a simples alternância de fones afasta dois dialetos afins.

(41) Tem-se a impressão que, devido ao tamanho da cobra, no tenetehara o adjetivo *lu* (= *luba*) — amarelo se transformou em *uhú* — grande.

(42) Não compreendemos de onde os teneteharas tomariam conhecimento de peixes marítimos, pois B. declara ser o *acará-guáçu* de Água salgada. Além disso, os acarás são geralmente fluviais. Parece também ter ocorrido um erro na grafia do termo aportuguêsado, no Dicionário de Boudin.

(43) Temos no termo outro aconchego do tenetehara ao guarani, onde já Montoya registra a forma *ambayb-usú*.

(44) O termo tenetehara *arapuhá* corresponde sem dúvida ao *guarapu* e *garapu*, nome que os mateiros do Norte e Nordeste dão ao menor dos veados. *Arapuhá-uhú* será uma casta maior.

(45) Veja a nota 33.

(46) Veja o que dissemos na nota 31. O que distingue o repiquete da encheite comum é o seu caráter repentino e passageiro, traduzido ao lado do superlativo por *tahy* e *aiba*. A tradução literal do complexo é: as suas águas (estão) inesperadamente muito cresidas.

(47) *Mbo(à)-uhú* e *mu-hu* — tornar grosso, tornar grande, lembram vivamente as formas e a tradução do *mo-guású*, *mo-usú* da língua-geral, que, por influência do português, substituiram toda uma série de termos específicos. Compare os verbetes: *engrandecer*, *alargar*, *acrescentar*, etc. do Vib. O tupi e o guarani antigos sempre concretizaram os compostos em *guású/usú*, intercalando o respectivo substantivo ou um adjetivo de sentido restrito entre *mbo*, *mo* e *guású/usú*. Exemplos: *mbo-pó-guású* — engrossar o fio; *mo-anam-usú* — encorpar, engrossar (cousas finas de certa largura, como pano, estrela, tábua, etc.); *nhamoabá-guású* — tornar-se homem (feito). BO. registra *mbo-aqú* — tornar grosso, grande, largo, etc., entre os verbetes do seu Vocabulário; entretanto, o termo nunca foi guarani nesta combinação.

(48) Veja a nota 33.

pirá-ûhú	— pirá-güasú	— um peixe de grande tamanho;
tamatä-ûhú	— matá-matá	— matá-matá (49);
tatä-ûhú	— atá-güasú (t,-r,-s-)	— fogueira (50);
ta-ûhú	— tab-usú	— aldeia grande, cidade;
turypá-ûhú	— orypab-usú (t,-r,-s-)	— grande alegria (51);
yyrá i ûhú	— ybyrá i güasú (r-)	— o pau é grande e grosso (52);
i ry-ûhú	— ty-güasú (r-)	— o rio está crescido; o rio tomou água (53);
y-ûhú	— y-güasú	— rio grande.

D

Hú no tenetehara evidentemente não é sufixo e muito menos *apocopado*, como afirma Boudin (54), mas uma forma aferética do adjetivo *uhú* (*ûhú*), correspondente a *usú* do tupi e guarani antigos. Ocorre nos seguintes compostos:

Tenetehara	— Tupi	— Tradução Portuguesa
Anguzä-hú	—	— ratão (55);
anguzä petä-hú	— apereá	— preá (56);

(49) *Tamatá* (*tamatä*) tenetehara corresponde ao tupi *tamboatá* — cascudo. Os teneteharas compararam o matamatá ao cascudo, de onde o aumentativo *tamatä-ûhú*, literalmente cascudo grande. *Matamatá* ocorre em frei Cristóvão de Lisboa — *História dos Animais e Plantas do Maranhão*; Lisboa, 1967; pp. 84 e 174.

(50) B. registra duas formas para traduzir fogueira: *tatä-ûhú* e *tatä-uhú*. Pelos compostos do Dicionário é difícil julgar da função ainda reservada aos velhos índices de classe.

(51) *Oryba* (t,-r,-s-) significa alegria, satisfação; alegre, satisfeito em tupi, enquanto *orypaba* (t,-r,-s-) traduz o modo, o tempo e o lugar de estar alegre. *Orypab-usú* (t,-r,-s-) corresponde, portanto, ao modo, tempo ou lugar de estar muito alegre. Se no tenetehara o sufixo *pá* (-paba no tupi) perdeu tão característica extensão substantival de sentido, não se pode julgar pelas perfundatórias definições do Dicionário, onde o termo tem acepção adjetival.

(52) Em tupi *ybyrá i güasú*, literalmente o pau é grande e grosso, se traduz por o pau é grande e grosso, enquanto pau grande e grosso é *ybyrá-güasú*. Há, portanto, discordância na maneira por que *uyra i uhú* vem traduzido no Dicionário, já que B. lhe dá o sentido atributivo pau grosso em vez do predicativo o pau é grosso.

(53) Corresponde lexicamente a *i ty-uhú* de que tratamos na nota 31, mas diversificado no tenetehara quanto ao sentido. Enquanto ali *i ty uhú* se traduz o rio está cheio, a forma relativa *i ry-ûhú*, como também *y-ûhú* significam rio grande, que no tupi é simplesmente *y-güasú*, sem índices.

(54) Veja o verbete *hu* do Dicionário.

(55) Não consta dos compêndios tupis. *Anguyá* (-angudjá) é palavra corrente no guarani para designar o ratão do banhado, que, aliás, não é encontradico nos estados do Centro e do Norte, segundo R. Ihering — Dicionário dos animais do Brasil.

(56) A forma positiva da denominação tenetehara ainda se mantém, ao que parece, no guarani moderno na palavra *angudjapytí*, que designa um rato silvestre. Note a persistente ligação do tenetehara com o guarani. O nome tupi encontra-se em Gabriel Soares e Marcgrave.

anirâ-hú	— andyrá-guasú	— morcego grande, vampiro (57);
aú pu-hú	— a'po-guasú	— cabelo grosso e comprido (58);
hokú-hú	— sokó	— socó-bol (59);
hättâ-hú	— atâ-gatú (r-s- ou t-)	— muito teso, muito duro (60);
kunumi-hú	— kunumi-guasú	— rapaz, moço;
kuzâ-hú	— kuhñâ-guasú	— mulheraca (61);
mamangâ-hú	— mangangá	— mangangá, mamangaba (62);
mopú-hú	— mopú-guasú	— tocar alto (63);
mozâili-hú	— fararak-usú	— jararacuçu (64);
mu-hú	— mo-guasú	— tornar grande e grosso (65);
mukaú-hú	— mokab-usú	— arma-de-fogo grande, artilharia;
muzé-hú	— mongakuaba	— criar (66);
nänâ-hú	— naná	— ananás (67);
pakó-hú	— pakob-usú	— banana-da-terra;
pakú-hú	— pakú-guasú	— um pacu (68);

(57) O superlativo, embora muito apropriado às espécies maiores de morcegos, não é corrente entre os autores antigos do tupi e do guarani. R. Ihering estropia as denominações tupis.

(58) Note-se a apofonia po > pu — fio.

(59) No dicionário tenetehara vem kokú-hu por hokú-hu. A forma tupi correspondente seria sokó-guasú, que não achamos documentada nos autores antigos. Marcgrave só registra o sokoi (cocol). O nome aportuguesado de socó-bol lhe veio da voz algum tanto comparável ao mugir do bol.

(60) Se de fato o fonema inicial do termo tenetehara for k, então houve, além da dupla alternância atâ > åtâ a mutação de h guarani para k no tenetehara: no guarani temos hatâ — está duro, está teso.

(61) Note-se como neste verbete tenetehara o z substitui o fonema nh do guarani e do tupi.

(62) No guarani temos mangangá e mamangaba para designar esta grande abelha social.

(63) Emprega-se para sinos e instrumentos de percussão.

(64) Temos aqui o costumeiro z tenetehara por i guarani e tupi: mboi guarani e mboi tupi corresponde a mox tenetehara. No adjetivo aliú fundiram-se, por certas afinidades, dois vocábulos guaranis: aí.b. — ruim, mau com ayú (= adj.) — aborrecido, importuno. — A denominação original conservou-se também no tenetehara na forma zararak.

(65) Embora no guarani exista o sinônimo mbo-ubixá, tais genéricos não são da índole tupi-guarani. Os dialetos antigos preferem termos concretos como: alargar (buraco, roça); engrossar (fio, pano); crescer (pessoas); crescer (animais e coisas) etc. — BC registra de fato mbo-ayú, mas guarani não é e nunca foi. Veja a nota 47.

(66) Nos dois dialetos antigos, além do genérico tupi indicado, ao qual corresponde no guarani mongakuaba, há diversos específicos. O vocábulo tenetehara, formação muito desajeitada, traduz-se literalmente por fazer-se grande e não criar (outros).

(67) Como no tenetehara nänâ também serve para designar o abacaxi, nänâ-hu distingue o ananás, que é maior, e nänâ-i o abacaxi.

(68) Não sabemos se as denominações do tupi e do tenetehara também se correspondem na espécie.

tezú-hú	— teiú-gûasú	— teiu-açu;
u'â-hú		— babaçu (69);
uruúá-hú	— urugûá-gûasú	— caracol aquático;
uñá-hú	— ybá-gûasú	— babaçu (70);
ûyrá-hú	— gûyrá-gûasú	— gavião (71);
zanú-hú	— nhandú-gûasú	— aranha caranguejeira;
zé-hú	— kakuaba	— crescer (plantas e animais) (72).

E

A FORMA "ÚATZÚ"

Esta variante, pouquissimo usada no tenetehara, parece ter sido reavivada pelo contato com o *brasiliiano* ou com o *nheengatu*, onde *gûasú* também corresponde a *difícil*. Outro indício do seu ressurgimento relativamente moderno fornece a palavra *preço*, como conceito ligado à moeda, que ocorre no vocabulário. Boudin traduz *úatzú* lacônicaamente por *demais*, quando melhor fôra: *grande, alto, muito, difícil*. As três primeiras acepções cabem perfeitamente às ocorrências respigadas.

Tenetehara	— <i>Tupi</i>	— <i>Português</i>
Kunumi-úatzú	— <i>kunumi-gûasú</i>	— <i>moço (73);</i>
hepy-úatzú	— <i>sepy-eté</i>	— <i>preço alto, é caro (74);</i>
temi-repy-úatzú	— <i>mbaé-eté</i>	— <i>cousa muito valiosa, cousa muito cara (75).</i>

(69) Com o exclusivo auxilio do tenetehara B, não podia explicar o termo, já que o babaçu lhes veio através da língua-geral. Tratamos da palavra *babaçu* em nossos Estudos Tupis e Tupi-Guaranis.

(70) Variação mais transparente do verbete da nota anterior.

(71) O termo *tupi* é o genérico para as aves de rapina.

(72) *Hu* — grande tomou aqui o pronome reflexivo *ze*, o que literalmente nos dá *se grande*, com o sentido de crescer, desenvolver-se. Compare o verbete *mu-hu*, que faria prever *mu-ze-hú* para desenvolver-se.

(73) Literalmente menino grande.

(74) Em *tupi* *sepy-eté*, tomado como substantivo, tanto significa *preço alto* como *o seu preço alto*. No primeiro caso o *s* inicial é o índice de classe inferior e no segundo é possessivo da terceira pessoa. Adjetivado, *sepy* toma o sentido de *apreçado, avaliado, assumindo o s* a função de pronome da terceira pessoa; portanto: *sepy-eté* — *ele (é) caro*. — Não podemos julgar até que ponto tais peculiaridades semânticas ainda se mantêm no tenetehara.

(75) Este verbete oferece curioso desenvolvimento, cujo inicio deve cair em época anterior à emigração dos teneteharas em direção ao norte, já que o termo também sobrevive no guarani moderno. *Temirepy-úatzú* (no guarani moderno *tembyrepy*) é um particípio passivo; portanto, *epy*, (r-) deve ter tomado acepção verbal correspondente a *pagar ou apreçar*. Teremos, assim, no particípio passivo: *temirepy-úatzú* — *o que é apreçado alto, o que é pago muito caro*.

F

"AHÚ" E "ÄHÚ"

Em meio às variações do adjetivo *uhú* não poderiam faltar umas poucas ocorrências de *ahú*, correspondente tenetehara de *asú* furtivamente esboçado no tupi e no guarani, como deixamos referido no capítulo dedicado a João Staden. Recolhemos apenas os três compostos que ai vão:

<i>Tenetehara</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Português</i>
az-ahú	— aí-usú	— papada grande, papudo (76)
mu-ähú	— mo...gúasú, mo...usú	— engrossar, alargar (77);
taz-ahú	— tai-asú	— taiácu, um porco-do-mato (78).

A GUIA DE JUSTIFICAÇÃO FINAL

Num estudo árido como este a que ora pomos o ponto final, após fixar a trajetória quadriseccular de um térmo através da sua evolução em vários dialetos afins, embora falados por tribos geográficamente espalhadas numa área de milhões de quilômetros quadrados, não poderíamos evitar ocasionais repetições em nossos comentários. Visamos nelas principalmente à conveniência dos leigos no assunto.

Ademais, sendo autônomo o capítulo dedicado a cada dialeto, o consulente recorrerá de preferência ao que mais o interessa no momento, muitas vezes sem tomar conhecimento dos precedentes.

Por isto julgamos favorecer tanto a comodidade do estudioso quanto à eficiência do exposto com o repisar desta ou daquela observação em vez de remeter-nos cômodamente a notas afastadas. Acresce que, não raro, se apresentam facetas novas, que para boa compreensão carecem de entrosagem algo diferente.

Releve, pois, o lente o que vale ao discente.

(76) Papada no tenetehara é aí, como no guarani; no tupi temos aia. No aumentativo tenetehara verificamos a frequente alternância peculiar de i > a.

(77) Variação de mu-hú. Veja as notas 47 e 65.

(78) A grande antiguidade e a evolução do térmo explicam certas alterações fonéticas. O sentido literal é dentes grandes, dentuço, que no tupi é tâi-usú. Este aumentativo se transformou ali em tafasú para designar o animal dentuço tão vicioso na alimentação do índio. Tax-ahú no tenetehara é o desenvolvimento fonético